

RESENHA

COELHO NETO, Henrique. *Miragem*. Porto: Lello & Irmãos, 1926. Relançamento em 2011, formato E-book.

Renata Ferreira Vieira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro¹

Desde sua estreia no romance em 1893, com a publicação de *A Capital federal*, a fortuna crítica de Coelho Neto (relativamente escassa se comparada com a dos contemporâneos Machado de Assis e Aluísio Azevedo) oscila entre dois focos de interesse que Marcos Aparecido Lopes (1997) chama de “documento” e “ornamento”. *Miragem* é o romance que congrega o que a tradição crítica identificou como positivo: a narrativa histórica (mímesis = documento); e negativo: a preferência lexical de Coelho Neto por uma linguagem rebuscada e deslocada do seu próprio tempo (opulência = ornamento).

O romance *Miragem*, do escritor maranhense Henrique Coelho Neto (1864-1934), foi publicado no Rio de Janeiro em 1895 pelo editor Domingos Magalhães, da Livraria Moderna (EL FAR, 2004), que naquele mesmo ano traria a público *Bom-crioulo*, o romance audacioso de Adolfo Caminha (1867-1897) sobre um marinheiro negro e gay. *Miragem* é um romance de inspiração realista com considerável investimento narrativo na crônica histórica. O evento retratado é o 15 de novembro, do qual Coelho Neto foi testemunha e até certo ponto partícipe, mas o ponto de vista é do protagonista Tadeu, um soldado tuberculoso que fora expulso de casa pela mãe depois que perdeu o pai.

Com a morte inesperada de seu pai – Manuel Fogaça –, Tadeu se vê com a missão de substituí-lo. Movido pelo amor sincero a sua família tenta, sem poupar esforços, suprir as carências e as exigências da mãe – Maria Augusta – e da irmã – Luiza. Mas seus esforços são em vão. Tadeu é um homem frágil, sofre de tuberculose. Nada nele faz lembrar a virilidade do seu pai. No filho faltava a força hercúlea dos heróis épicos e do próprio patriarca, mas lhe sobrava generosidade. A mãe Maria Augusta e a irmã Luiza (sem a presença do marido e do pai) desprezavam Tadeu. As duas consideravam o rapaz um estorvo, por ser fraco e doente. As feridas do personagem são expostas num crescente de dor

¹ Graduada em Letras (Português – Literatura) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ – FFP). Aluna da Especialização em Estudos Literários da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

e frustrações. As tentativas de prover a mãe e a irmã são fracassadas e, até certo ponto incompreendidas.

Compreendendo *Miragem* no contexto da crise político-institucional da transição da Monarquia para a República, se observam na narrativa as desilusões acerca da mudança de regime sonhada pelo grupo dos jovens escritores boêmios, do qual Coelho Neto era integrante. Tanto Coelho Neto como seus amigos da boemia, tais como Aluisio Azevedo (1857-1913), José do Patrocínio (1853-1905), Olavo Bilac (1865-1918) e Pardal Mallet (1864-1964), entre outros, imaginavam (e por ela lutaram de várias maneiras no jornalismo e na ficção) uma república da diversidade, diferente da república oligárquica e hierárquica, concentrada nos cafeicultores paulistas, instalada a partir de 1894 com Prudente de Moraes (LESSA, 2001).

Poderíamos dizer que *Miragem* é o romance sobre a frustração da geração de Coelho Neto com a república. A narrativa também seria uma oportunidade de elaborar simbolicamente as perdas e as transformações daquele momento: o fim da boemia e da juventude, a prisão de Bilac e de Patrocínio em 1892, e a morte de Pardal Mallet em 1894. O romance *Miragem* encarna todas essas desilusões e as dramatiza numa história sobre a morte, o abandono, a doença, o desamparo e a incompletude.

Nesse contexto, o evento mais simbólico do romance seria o desmaio do protagonista Tadeu no momento em que, ao lado dele, Deodoro passava a cavalo e em triunfo pela Rua do Ouvidor no dia 15 de novembro. As características do protagonista sugerem que Tadeu seria um “herói manco” – um personagem castrado simbolicamente (HAYS, 1971). Ele é portador de uma “ferida” que no caso de Tadeu é tanto física, a tuberculose, como moral: a dor de não estar à altura do pai e de não ser capaz de proteger sua família. A associação de Tadeu com a ideia da república – que promoveria o Brasil a uma nação democrática pós-império por meio da Proclamação –, deve nos sugerir que os sonhos do protagonista e do país foram irrealizados. O fracasso de Tadeu se identifica com as desilusões republicanas dos escritores boêmios. A república da diversidade e da pluralidade, do alargamento das molduras expressivas do sujeito, não passara de uma “república manca” que se efetivara de forma clara no governo Floriano Peixoto – presa fácil das oligarquias rurais paulistas (MENDES & VIEIRA, 2009).

O tratamento ficcional dado a esse contexto local da crise político-institucional (a transição da monarquia para a república) no Rio de Janeiro resultou no romance *Miragem*. A interpretação dramatizada da boemia à causa republicana possibilitou uma produção ficcional enérgica e contestadora às tradições políticas e literárias. A estratégia narrativa de

Miragem configura uma ficção sobre o nada (nada é realizado e compreendido); as ações de Tadeu são fracassadas; a irresolução da narrativa é mantida e não há solução para os conflitos. O entendimento desse nada se dá, no romance, por meio do rompimento com a culminância de sentido do gênero épico. Compreendendo essa ficção sobre o nada como uma estratégia narrativa moderna, que só seria realmente compreendida e apreciada no modernismo, encontramos a ousadia de Coelho Neto no rompimento com o épico. A recusa de culminar o sentido, de explicar e aplacar as ansiedades do leitor já fora introduzido por ele em 1895. A dor e a ansiedade sentidas na leitura do romance não são sanadas. A única oportunidade de sair daquele deserto de desilusões sofrido por Tadeu é negada.

O romance *Miragem* revela um Coelho Neto arrojado, moderno e transgressivo, bem diferente da avaliação detratora da crítica canônica. No modernismo, o fim da narratividade marca o fim da crença no progresso da civilização moderna (WOOLF, 1984). Mas essa desconfiança já era exibida por Coelho Neto em sua estreia, no ano de 1893, no romance *A capital federal*. A falta da fé cega na Era Moderna possibilitou a Coelho Neto configurar uma ficção sobre o nada. Nada se alcança ou se compreende em *Miragem*. A invisibilidade do romance na tradição literária brasileira sugere um axioma da crítica: é fácil julgar que um romance sobre o nada não vale nada.

Referências Bibliográficas:

COELHO NETO, Henrique. *Miragem*. Porto: Lello & Irmãos, 1926.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HAYS, Peter L. *The limping hero: grotesques in literature*. New York: New York University Press, 1971.

LESSA, Renato. A invenção da República no Brasil: da aventura à rotina. In CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *República no Catete*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001.

LOPES, Marcos Aparecido. *No purgatório da crítica: Coelho Neto e o seu lugar na história da literatura brasileira*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

MENDES, Leonardo; VIEIRA, Renata Ferreira. *A república manca: Miragem, de Coelho Neto e o naturalismo da desilusão*. *Soletas*, São Gonçalo, RJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 18, 2009b, p. 74-82.

WOOLF, Virginia. Modern Fiction. In: - - -. *The common reader*. New York: Harcourt, 1984.